

Rua das Pretas, o Chan-Chan Lusófono ao Sabor de Vinho

Rua das Pretas, the Chan-Chan Lusófono to the Flavor of Wine

SÁBADO



Rua das Pretas, o Chan-Chan Lusófono ao Sabor de Vinho

07:00 | por Pedro Henrique Miranda

Em poucos anos, as tertúlias de canções lusófonas de Pierre Aderne projectaram-se do Rio de Janeiro para Lisboa, e daí para as capitais de todo o mundo. O que propõem? Noites descontraídas, tingidas de tinto e de branco, ao som da melhor música cantada em português

A habitual tranquilidade da noite de quinta-feira no jardim do Príncipe Real é pontuada pelo burburinho que se vai fazendo notar a um dos cantos da praça. No palacete da emblemática área lisboeta já se faz fila para mais uma edição da *Rua das Pretas* e, mesmo para quem se estreia no evento semanal, são evidentes as características mais básicas: embora o vestuário pudesse traduzir a exclusividade do acontecimento por formalidade, as conversas que se ouvem à entrada apontam para uma reunião de extrema descontração e multiculturalidade: portugueses, brasileiros, americanos, franceses ou italianos convivem nos momentos que antecedem um espectáculo que espelha justamente esse convívio de identidades.

Uma tertúlia de prazeres mundanos, a *Rua das Pretas* dá novo significado ao conceito de "concerto intimista". Trocado por miúdos: ao centro da sala de média dimensão, um rol de músicos internacionais, sem amplificação, intercalam temas novos e antigos do cancionero lusófono com histórias de vida e algumas risadas, enquanto rodeados do público que, sentado no chão, em almofadas ou puffs, partilha com eles garrafas atrás de garrafas de vinho de qualidade – no caso daquele a que assistimos, escolhidos propositadamente por Dirk Niepoort, famoso produtor do Douro, hoje com projectos também no Dão e na Bairrada.

Mas a repercussão que teve este pequeno projecto – um sucesso em capitais como Londres, Paris, Berlim e em Nova Iorque – não poderia ser antecipado por Pierre Aderne, o seu criador, que o iniciou numa lógica de homenagem: "Começou na minha casa, no Rio de Janeiro, quando morava na mesma rua do Antônio Carlos Jobim. Quis fazer uma alusão aos saraus de bossa nova que aconteciam na casa no Tom".

As tertúlias começaram, no Rio, com artistas brasileiros da geração de Aderne – refere "Maria Gadú, Dadi ou Edu Krieger" – mas quando se mudou para Portugal, "para gravar um documentário sobre a relação entre a música portuguesa e brasileira", o prestígio das sessões foi aumentando. Em pouco tempo, artistas de peso como Jorge Palma, Tito Paris ou Mário Laginha integravam os saraus, ainda privados, em casa de Pierre, na Rua do Poço dos Negros, e quando começaram "a publicar fotografias com Caetano Veloso, Gilberto Gil, Valter Hugo Mãe ou Melody Gardot nas redes sociais, as pessoas pensaram que era uma espécie de *acoustic jazz club*".

Para estes músicos, diz Pierre, é um alívio: "Eles adorariam ter o prazer de simplesmente tocar sem o peso associado da burocracia do concerto. Se isso puder ser sustentável, será um grande passo para a música ao vivo".

Surgiu a oportunidade, então, de tornar o evento público, mantendo o aconchego de sessões que se assemelhavam a uma casual reunião entre amigos – como o que testemunhámos no palacete do Príncipe Real –, mas juntando algumas dezenas de pessoas em torno do acontecimento, que Aderne classifica como "uma espécie de encontro entre o Buena Vista Social Club e a Tropicália".

Do repertório fazem parte temas do imaginário colectivo brasileiro (Tom Jobim, João Gilberto, Chico Buarque), assim como temas escritos por este alinhamento itinerante de músicos que cruzam as identidades das suas respectivas proveniências no ponto onde se intersectam: a língua portuguesa. Canções entretanto compiladas e editadas no primeiro álbum de originais do projecto, o *Wine Album*. "Se os Beatles podem ter o *White Album*..." diz Pierre, perante risos.

E por falar em vinho, a peça restante, essa, sempre esteve presente: "É um fio condutor, ajuda a relaxar as pessoas. Lá em casa a caipirinha sempre deu lugar ao vinho". Daí que o grupo estime que, entre 2017 e 2018, cerca de 1.700 garrafas tenham sido abertas nos saraus semanais da Rua das Pretas. Como parte integrante do projecto, no entanto, o vinho entrou pela mão de vários amigos *winemakers*, entre os quais Tiago Dias da Silva (Quinta Maria Izabel), Luís Cerdeira (Soalheiro) e, principalmente, Dirk Niepoort (dos Vinhos Niepoort).

Era com Dirk que estava, "no Douro, a beber um Porto de meia-idade", quando decidiu que "estava na hora de fazer um disco de canções de amor e de vinho". E foi com eles que, uma vez gravado o disco, resolveu produzir quatro vinhos exclusivamente para a *Rua das Pretas* – o Branco das Pretas, o Red das Pretas, e os Rua Branco e Tinto –, hoje disponíveis para compra juntamente com o *Wine Album*, em garrafeiras portuguesas e de 40 outros países. "Era pouco orgânico vendê-lo numa superfície comercial, em que estaria misturado com outras coisas", afirma, acrescentando que lhe pareceu mais apropriado que "a música da *Rua das Pretas* estivesse numa garrafa do que numa loja".

Apesar de toda a familiaridade que um evento destes transmite – ao longo da noite, somos entretidos com histórias da vez em que Pierre trouxe João Gilberto a Lisboa; ou de quando o americano Brian Cullman, presença constante no colectivo da *Rua das Pretas*, foi a uma festa em que Jim Morrison estava desmaiado no sofá – Pierre teima em sonhar alto, mesmo sem objectivos rigorosamente estipulados. "Comecei a perceber que estamos construindo um novo sotaque dentro da música de língua portuguesa, a partir da contribuição de todos esses países", diz, esclarecendo que "em todos os lugares em que passamos com a *Rua das Pretas*, convido músicos que já têm uma 'paquera' com a língua portuguesa a participar e enriquecer o projecto". No final, "se conseguirmos chegar onde, por exemplo, o vinho português já chegou, ótimo".

Mesmo assim, "até ao momento, é só diversão mesmo, como se estivéssemos em casa a tocar para os amigos", um sentimento certamente partilhado por todos os que presenciaram alguma das edições da *Rua das Pretas*. É por esse motivo que o crescimento pode não ser opção para Aderne, pelo menos sem que isso descaracterize a experiência, o que não significa que o projecto não possa evoluir em outros sentidos. "Na constante reinvenção do formato do disco, se conseguirmos encontrar uma nova forma de consumir música – uma garrafa de vinho cuja rolha tem um código para *download* do álbum, por exemplo – acho que isso pode ser um caminho".

